



# Gaiato



Quinzenário • 6 de Fevereiro de 1993 • Ano XLIX - N.º 1276 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## FAX de Moçambique

O dia de sábado (23 de Janeiro/93) foi belíssimo. Muitos amigos em nossa Casa. Do Governo de Moçambique não esteve ninguém, pois um Ministro não pôde sair do hospital a tempo.

O Embaixador de Portugal deu conta de várias entidades. Emocionou-se muito. Fizemos a coisa com uma caixa de chumbo contendo um pergaminho junto à primeira pedra. O Arquitecto não conseguiu entregar a planta geral, embora a da oficina esteja praticamente pronta.

Presença importante, para nós, foi do Álvaro com sua família e do Manuel «Pedreiro» que veio da África do Sul, só, mas de propósito. Foi um dia em cheio para os nossos rapazes e creio que para todos os visitantes que devem ter sido mais de duzentos. Graças a Deus!

Padre José Maria



MAPUTO — Alberto faz sorrir o Zézinho.

## ECOS D'ÁFRICA

## As nossas Casas do Gaiato despertam um caudal de lembranças

Diante de mim um pacote imenso de referências que não tenho a ilusão de poder referir. Mas é lindo este caudal de lembranças que as nossas Casas do Gaiato de África despertam, muitos em excedente de contas com o jornal, outros *ex professo*; e destas, algumas com grande carga afectiva dos que distinguem Malanje ou Benguela ou Moçambique pelas raízes que também ali deixaram em longos anos de vida. É lindo, sobretudo porque, fundados no senso deste mundo, não seria esta a hora de investir lá! Mas nós não voltámos a África armados por esta prudência, mas por aquela que se aprende da Cruz redentora e é risco e loucura aos olhos de judeus e gregos. E conosco pensam e sentem e agem tantos que se manifestam mediante suas mensagens e seus dons.

Que outras podem vencer as armas da guerra que, não se sabe de onde, sempre abundam, senão estas armas de paz que procuram o pão e o tecto para os que os não têm

e a Esperança e o sentido para a vida de tantos que os perderam?!

Louvado, pois, seja Deus, porque são tantos estes obreiros da paz, vivendo em sintonia conosco, alvorçados por notícias, regozijando-se quando elas chegam, partilhando sempre o seu coração e os seus bens.

«Foi com alegria que li notícias do Padre Telmo, no último jornal. Espero no Senhor que tudo se torne mais fácil para a concretização do trabalho a que se propuseram: Junto cheque para o leite que está a faltar!»

«Leio com muito carinho e atenção o vosso jornal e sempre que se fala da Casa do Gaiato de Benguela, fico verdadeiramente emocionado, pois vivi no Lobito de 1953 a 1972 e conheci a vossa maravilhosa Obra naquela cidade.

Continua na página 3

## ENCONTROS em Lisboa

### Também fui a Camarate

Também fui a Camarate naquela primeira noite de vigília. Vi o noticiário da noite na televisão e saí porta fora, apanhar ar. Estava amargurado. Sentia-me incomodado. Queria ajudar mas não sabia nem em quê nem como. Aquela situação trazia-me à memória as dezenas de bairros de lata que se estendem em Lisboa e arredores. Ali, em Camarate, estavam vidas ao relento, mas as barracas, não apresentando uma forma tão brutal como a rua, são igualmente sítios onde o relento vai destruindo vidas de forma lenta. Aquela criança que, dias antes, encontrara cheia de tosse e me foi explicado: «Durante a noite rompeu-se o plástico e choveu na cama dela. Ficou assim cheia de tosse. Só vimos de manhã».

Caminhava de um lado para o outro no centro da nossa Aldeia, avaliando as nossas possibilidades de darmos uma mão. Com a casa cheia como um ovo, restava-me livre o pavilhão. Podiam estender-se ali alguns colchões e daria para uma solução imediatista. Seria de avançar como esta hipótese? Hesitava. Pensava que, pelo menos, não ficariam ao relento.

Andava com tudo isto na cabeça quando apareceu o Abílio: «Viu o noticiário? Não fazemos nada? Foi lá que eu fui acolhido quando vim de Moçambique e antes de vir cá para Casa, já lá vão mais de 10 anos». Percebi-lhe o

apelo das raízes. Expliquei-lhe o que andava a pensar e perguntei: — Queres ir?

Fomos. Dentro de mim a emoção das peregrinações aos lugares santos. Deus habitava ali, naqueles homens, mulheres e crianças. Não eram santuários de pedra. Era gente viva, rostos marcados pelo sofrimento e pelo desânimo, gente impotente diante do acontecido e sem esperança no horizonte. Ofereci o que tinha disponível e parti. O ping-pong político tinha começado. Pelo meio seres humanos. Alguns nem legalização têm. Todos pobres que nem sabem direito como reclamar direitos.

### O grave problema da habitação

Passadas as emoções, surgem-me algumas reflexões — interrogações que partilho.

Este drama ilustra bem o problema da falta de habitação na área de Lisboa. Não se vislumbram planos de habitação social minimamente ousados para pôr termo aos bairros de lata onde a vida apodrece cada dia. Alguns vão-se mudando de um lado para o outro. O mercado de habitação disponível e com um mínimo de condições ultrapassa de longe o ordenado mínimo. Surgem por todo o lado as casas cheias de subalugas transformando, mesmo as ditas com uma certa dignidade, em zonas onde não se pode ter privacidade.

As doenças, o insucesso escolar, a falta de rendimento no trabalho, a marginalidade que brotam destas situações, ficam suficientemente caras para se adiar a resolução do problema. Não nos move a questão económica, embora esta seja de ponderar, mas são questões de dignidade humana.

### Por vezes a justiça fecha-se na sua redoma e age cegamente!

A justiça tem os seus trâmites, as suas regras. Creio que, por vezes, se fecha na sua redoma e age cegamente. Não seria possível evitar este drama, se também se pensasse que aquelas pessoas tinham direito à habitação? Não será também próprio da justiça velar pelos direitos daqueles que não se queixam, não se apresentam a defender-se? Não teria sido possível à justiça perguntar às autoridades quais as soluções para que o direito daquela gente à habitação não fosse cair na rua? Dá a entender que há esferas de acção muito limitadas.

Conseguiram-se algumas soluções. Ficam de fora os estrangeiros. Um dizia-me: «Fugi de minha terra para não morrer à fome nem com bala». A xenofobia começa precisamente aqui: as autoridades não acolhem com respeito e dignidade os estrangeiros. Isso dá

Continua na página 4

## Calvário

### O cântico da água convida à paz, à serenidade

Na encosta que sobranceia este lugar estava escondida, há séculos, uma nascente. Os mineiros meteram-se lentamente pela terra dentro com a pica e pá nas mãos. E abriram uma longa mina. Atravessam terreno rochoso, aqui e além. Dão com o fio de água, alguns metros abaixo do solo, a gemer em pedra azul. Provam e deliciam-se com a leveza, com a frescura da água pura. Voltam às pedreiras, cortam pedras de granito. Dão-lhe forma e levantam um fontenário ao fundo duma avenida do Calvário. Conduzem para ela a água encontrada. Ei-la que principia o seu cantar constante na pia de pedra. Ao lado, escava-se a terra e contrói-se um lago. Nele se deitam peixes. Plantam-se em redor chorões, tuyas e alguns arbustos rasteiros. Do pombal, rente à água, saem pombas brancas para aquela se deliciarem.

A água do lago desce a colina e vai ao encontro do pomar para que as aves se refresquem também e façam brotar frutos sumarentos e apetitosos.

Os doentes, nos dias de calor mais intenso, vão à bica do fontenário e regalam-se. Alguns bebem na concha da mão. Outros, mais cuidadosos, vão de copo. Outros ainda, de jarro pronto a encher para que os acamados se regalem igualmente.

Sempre apreciei a água. É que sem ela não há vida nem frescura. Só a natureza morta. Deserto.

Para quem tem os dias já muito contados, ouvir a água que canta, mesmo no silêncio da noite, é descobrir um sinal de vida que faz companhia, que traz a paz vinda da terra que Deus plasmou. O cântico da água que tomba doce na pia de granito, convida à paz, à serenidade.

Continua na página 4

## Conferência de Paço de Sousa

**ALIMENTAÇÃO** — Por intermédio da Sociedade de S. Vicente de Paulo recebemos uma quantidade de produtos (*excedentes* da CE) — provenientes da Segurança Social — já distribuídos pelas famílias pobres que ajudamos, indicadas oportunamente. E não só.

Que bom haver quê para se melhorar a mesa de quem precisa! No caso vertente, *excedentes* que, pelas leis da economia comunitária, seriam disponibilizados para *estabilizar* preços correntes do mercado. Noutras partes (v. g. superproduções de café) chegam a destruir colheitas!

A dita acção ocupou muitos vicentinos, especialmente os quadros mais responsáveis da SSVP. Todavia, as Conferências, a parte delas sem estruturas para o efeito, foram *sacriticadas* com burocracia oficial: por cada entrega, um recibozinho assinado pelo respectivo cabeça de casal. Foge à nossa regra, evidentemente; mas a Segurança Social obriga!

No entanto, em futuras acções desta ordem, seria curial as famílias *acrescentadas* pelas assistentes sociais dos CRSS — por motivos óbvios — fossem contempladas pelas próprias, não endossando essa distribuição a nós outros.

**PARTILHA** — Cheque, de «Manuel de Braga», para «ajudar as viúvas». Assinante 14493, do Porto, «com mais uma migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Ermesinde, 1.500\$00, da assinante 10784. 1.280\$00 da n.º 9811. Parte dum cheque — para diversos sectores — enviado pela assinante 16415, de Barcelos: «Muito pouco, bem sei, mas é com todo o coração que sinto os problemas que O GAIATO menciona».

O costume, da «Avó de Sintra». 1.000\$00, da assinante 52390, «implorando uma oração para os problemas que afectam os meus filhos». Talvez nunca, como hoje, as *dores*

# Pelas CASAS DO GAIATO

de parto se prolongem tanto pela vida fora...! Assinante 11531, de Mem Martins, com nove mil e muito estfmulo. Presença, habitual, do casal-assinante 11902, de Fundão: «*Mensalidade correspondente ao mês de Janeiro, acrescida da inflação*». Espírito de justiça!

Outra presença de sempre — o assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «*Ouso pedir uma oração ao Senhor por todos os nossos irmãos agonizantes. Que Deus e Nossa Senhora os abençoem e amparem de maneira a estarem preparados para se apresentarem diante do Pai*». Um voto verdadeiramente cristão, no caminho da Eternidade!

Dez contos, da assinante 3119, de Paço de Arcos, «*relativos aos meses de Novembro e Dezembro*» e «*votos de Paz, saúde e alegria no Novo Ano*». Retribuímos com amizade. Mais dois vales de correio, do nosso Elísio Humberto: 3.000\$00. Chegaram, mas sabes que nesta época o movimento é maior. Toma lá um forte abraço. Mais mil escudos, de Justino, «*para uma viúva*». Mais um cheque, de Matilde, do Porto — 3.000\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**MÚSICA** — Foi posto um anúncio a interessados pela aprendizagem. Mestres: «Kim-Zé» e dois professores.

Agora, haja muito esforço e gosto para termos a Casa cheia de músicos.

**AGRICULTURA** — A malta que trabalha no campo, está a podar as videiras para que a próxima vindima seja fértil em termos de vinho.

**DESPORTO** — Há semanas que não temos jogos de futebol porque os responsáveis que treinavam o grupo foram para a tropa.

Esperamos arranjar outro treinador para colmatar esta brecha importante.

**MUDANÇA DE MESAS** — Foram efectuadas há quase um mês. Mais uma mesa e um novo chefe.

Houve problemas com a louça. Os vaqueiros trazem muita que, por negligência dos refeiteiros, cai no latão da «lavagem» para os animais.

**INVERNO** — Como sabem, é a estação do ano mais fria, mas muito bonita.

Em nossa Aldeia, temos frio de rachar!

Ao acordar, ainda é escuro, mas lá para as 8.30 h o sol põe a lua de lado e dá-nos o dia.

Neste momento, são 11 h, os nossos campos estão cobertos de geada e os que trabalham estão bem agasalhados.

Olhando para o pomar, ou se preferirem para a mata, temos o prazer de ver também outro pranto de geada.

Quem passar a mão por cima de uma sebe, arrepia-se logo. O frio prejudica o nosso trabalho! Somos obrigados a chegar à beira dum aquecedor para descongelarmos um pouco.

«Vitinho»

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

O Natal dos nossos irmãos mais necessitados foi bem melhor que para muitos outros. As crianças e velhinhos tiveram prendas, a consoada para uma festa mais quentinha, doce e feliz.

Os donativos que vamos mencionar são referentes ao Natal. Estamos muito atrasados no nosso correio! Pedimos desculpa, mas a vida é assim. Andamos sempre a correr.

O que não vier agora mencionado, virá no próximo jornal.

Assinante 35819, de Bremerhaven, 8.927\$00. «Para os que nada têm», 2.000\$00 de Ana Maria. 1.500\$00, da assinante 53538, 5.000\$00. Uma amiga dos Pobres e doentes, 2.000\$00. Anónimo, 7.000\$00. De Loures, roupa «para a senhora de 58 anos». Maria, de Lisboa, 5.000\$00. Lanheses, 10.000\$00. Covilhã, cheque de 20.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. Assinante 3359, 1.500\$00. Anónimo, 3.500\$00. «Que o Senhor vos ajude a nunca caírem em desgraça.» Doente que nos escreve, a quem desejamos rápidas melhoras, enviou 5.000\$00. Júlia, 20.000\$00. Anónima, 1.500\$00. De Abrantes, 500\$00: «É de um branho, mas dará para tapar um buraco».

10.000\$00, do Porto. Viúva do assinante 29515, cheque de 10.000\$00. Maria Eva, uns sapatos quentinhos,

5.000\$00 e uns lençóis. Mais 2.000\$00 do assinante 44842.

A todos muito obrigados e Deus vos ajude e dê muita saúde e paz.

Maria Germana e Augusto

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — A nossa Casa continua a beneficiar de restauração. Tem bastantes anos e os materiais antigos, com o tempo, vão-se deteriorando.

Surge, assim, necessidade de substituí-los para cumprir a sua função. Foi o que aconteceu com os canos de esgoto, infiltrações e algum descuido. Houve necessidade de abrir as caixas de esgoto e elaborar um novo plano para a rede de saneamento. Agora é preciso concretizá-lo e ter mais cuidado.

**AGRADECIMENTO** — Para as nossas refeições, recebemos iogurtes e fruta, da Casa do Gaiato do Tojal, que os rapazes apreciam.

Por isso, agradecemos a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuem para que estes alimentos cheguem até nós.

**PARABÉNS** — Os nossos parabéns ao Pedro e à Teresa pelo facto de terem sido pais, pela primeira vez, em 21 de Janeiro. Ele esteve muito novo, passando por cargos de responsabilidade, como o de chefe-maioral. É mais um rebento desta família.

António Maria

Gamboa

## NOTÍCIAS DE MOÇAMBIQUE

**A NOSSA FAMÍLIA** — Temos caras novas. O António, irmão do nosso Julião, que há muito aguardava uma oportunidade; com ele veio um amigo chamado Jorge. Chegaram mais dois irmãos: o António Alexandre e o Fabião. São mais quatro que se adaptam a um ambiente familiar que nunca conheceram.

Entretanto, saíram dois que não quiseram gozar deste ambiente: o César, estava há um mês; e o Marco, há muito conosco, foi para o Xai-Xai, para a família antes perdida pela guerra.

**BAPTISMO** — Chegou o momento do nosso «benjamim», Bruno Alberto, ser baptizado juntamente com o João Maria, de 5 anos, e o Diogo de 7. Madrinhas: D. Noémia, sua filha Sandra e Dra. Conceição, pessoas que tanto nos ajudam e mostram muito interesse por participar na nossa vida. Padrinho destes três novos filhos de Deus: o tio Carlos. Dia de festa e alegria!

**ESCOLA** — O ano lectivo começou em meados de Janeiro. É nossa preocupação dar melhores condições, tanto a nível material como de assistência humana. Por isso, com muita alegria, estamos a utilizar salas novas, pintadas e bonitas, com a ajuda da UNICEF. Como assistentes, temos dois professores moçambicanos. Mostram-se empenhados.

Desejamos mais um ano sossegado e com resultados positivos.

**CONTENTOR** — Recebemos um, de Portugal. Só temos que dar graças a Deus e a todos que participaram no recheio. Coisas úteis, de extrema necessidade, impossíveis de encontrar aqui, no mercado. Mas, para nos lembrarmos um pouco do nosso Portugal, apareceram mimos vindos de muitos lados, conforme os bilhetinhos informavam.

A quantos colaboraram e se sacrificaram pela realização deste grande bem, um abraço de agradecimento.

**OBRAS** — Estamos sempre em obras! Depois de recuperadas as salas de aula, preparamos um campo (polivalente) para desporto. Recuperamos, também, outras salas para a lavandaria. Mais banheiros na fazenda, corte para os porcos, um depósito e três tanques de água, possibilitando os nossos rapazes divertirem-se num banho salutar.

**FURTO** — Moçambique está muito marcado pelo desrespeito ao bem do Outro. Também tocou a nós! É verdade, roubaram a nossa carrinha *Mitsubishi*. Avisámos a polícia, nessa noite; mas nada. Pois se não aparecesse, o transporte de materiais e dos nossos rapazes estava comprometido. Cinco dias depois surge a boa notícia: foi encontrada, danificada, nos subúrbios da cidade e reconhecida pela Irmã Quitéria. Esperemos tê-la de novo a circular brevemente.

Carlos Roda



«Pepino» e Filipe acariciam o cachorrinho

## Cantinho da Família

### Saudade

Na vida há momentos e pessoas de que nunca nos esquecemos. Quem se esquece dos pais ou dos momentos alegres do seu casamento?

Eu, por exemplo, não esqueço a minha mãe, nem os momentos de brincadeira que vivi na Casa do Gaiato de Benguela com irmãos que, hoje, muitos deles já falecidos, outros fora da terra-mãe por vários motivos — e que também não esquecem Angola. Foi nela que aprendemos a trabalhar, a praticar o desporto, a escrever. Enfim, a fazer coisas úteis à sociedade.

Muitas vezes nós, gaiatos, que ficámos a aguentar a luta que o país sofre, convivemos, recordando cenas que vivemos na Casa do Gaiato, como as fugas de uns, os castigos do Zé Luís Magro e do Victor de Paço de Sousa, por incumprimento e outros motivos. Recordamos também outras coisas mais, das Casas do Gaiato de Benguela ou de Malanje.

Gostaria de apelar aos jovens irmãos gaiatos que devem considerar em primeiro lugar o trabalho, a sua profissão assegurada para o futuro. Aos estudantes, mais vontade para os livros escolares.

Deverão, ainda, abraçar os conselhos dos chefes de trabalho, de quartos ou de mesa.

Alguns gaiatos, que residem em Angola, já foram a Portugal em gozo de férias e visitaram algumas Casas do Gaiato. Outros o desejam fazer, para abraçarem os nossos irmãos de Portugal.

Angola é extensa e com várias tradições tanto no campo agrícola como no cultural ou musical. Por exemplo, no Huambo, ainda se cultiva milho. Na Hufila, milho, batata, ameixas e pêras. Em Benguela, banana, bom peixe e mangas; no Kwanza-Sul, bom café. No Cunene, muito gado.

Angolanos em Portugal, que de angolanos só têm a naturalidade pois são de nacionalidade portuguesa, não me esqueço nunca de vós particularmente dos meus familiares e irmãos gaiatos. Um abraço do

# Ecos d' África

Cont. da página 1

Deus queira que a vossa coragem se possa manter e leve ajuda tão necessária às vítimas inocentes de uma guerra que não é deles porque eles querem é paz, amor e pão para sobreviver.»

«O GAIATO é lido cá em casa com uma atenção quase obsessiva em busca de notícias sobre as Casas de África. Os meus pais viveram alguns anos em Moçambique e eu mesma nasci em Lourenço Marques, pelo que tudo que seja dito dessas terras, tão distantes mas tão próximas, encontra ressonância cá em casa.»

«As notícias do que se passa com as crianças que por lá morrem aos milhares aflige-me profundamente. Certamente cá também há miséria, mas lá é terrível. E há quem se dedique a ter um quarto para os cães com lacinhos e penteados! Deus nos perdoe tanta loucura.»

«Junto um cheque para os vossos, de Moçambique. Que Deus vos ajude na medida em que servem os nossos semelhantes.»

«Aqui vão poupanças de fim de ano que se acredita serão sementes de Paz e Desenvolvimento onde mais necessário se torne (Angola e Moçambique).»

«O destino do cheque será aquilo que mais urgente for, se possível em Angola ou Moçambique. Que o vosso esforço, lá, inspire mais jovens a darem-se com amor a essa Obra. Eu agora sou doente, com muita dificuldade em andar. Ofereço estas limitações a Deus para ajudar os que trabalham.»

«Seguindo com muito interesse e carinho a recuperação das Casas de Angola e Moçambique e considerando de extrema necessidade a abertura delas, envio essa importância a repartir pelas três Casas em partes iguais ou conforme a necessidade.

Uma saudação especial para os que estão em África, tão duramente postos à prova, mas que com tanta coragem, generosidade e ânimo, meteram mãos ao trabalho.»

«Leio atentamente o nosso jornal, muitas vezes em íntima meditação. Ultimamente presto uma atenção especial às notícias enviadas de Angola e Moçambique. Alegro-me saber que vão trabalhando com afinco, fé e êxito. E junta a minha migalhinha às generosas dádivas de tantas outras pessoas. Que o Senhor os ajude. Muito obrigado.»

«Não quero deixar de prestar a minha ajuda a Moçambique e Angola. É fruto de renúncia a outras coisas, porque apenas tenho a reforma, que não foi completa mas vai dando para ajudar ao longo do ano os que mais precisam.»

Um nosso irmão Evangélico é presença constante. Também nesta coluna enfileiram Comunidades de Religiosas e Sacerdotes, quer pessoalmente, quer como animadores das suas comunidades. Tais os de Cesar e de Negrelos.

Mais este dom muito sabroso: Um rapaz nosso, pai de dois filhos e agora a lançar-se na vida, entrega-me um cheque a dividir por Benguela e Maputo, «tendo em conta o que os Padres Manuel e José Maria me aturaram».

E termino com esta carta de Amiga de muitos, muitos

anos, tão simples e cheia de fé, tal qual ela é:

«Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo. Gostaria que este pouco fosse destinado a Moçambique. Não é porque pense que vós não tendes dificuldades para atender a tanta miséria que por aqui há, mas penso que lá ainda há mais. No entanto, que seja para onde faça mais falta.

Um abraço para todos quantos gastam a vida ao serviço do Próximo e o Senhor vos dê muita coragem.»

Amen.

Padre Carlos

# Tribuna de Coimbra

## É preciso que a lei seja respeitada!

O Natal, com o seu ambiente, levou-me à procura daquele Bruno que acolhi em Agosto passado. O mesmo que à minha beira chorara repetidas vezes pelo tio que o não quisera «adotar». O mesmo que numa dessas, de desabafo, desesperadamente me levava o coração e atenção e, na volta, meteu a mão na gaveta sacando a conta certa, e

de sobejo, para a fuga, decerto, há muito planeada.

Ele é o mesmo que, passados alguns dias, longos, os senhores doutores do COAS e seu motorista vieram trazer, de carro e bem «encadernado». É sim! O mesmo Bruno que a mãe, acompanhada por um homem que nem o gerou para a vida nem para o amor, o veio «roubar» depois de ameaças e arrepios.

Foi este o Bruno da minha meditação de Natal. Por ele telefonei ao Tribunal de Menores do Porto que m'o confiou. Queria eu saber do seu Natal também. Imaginei-o. Julguei que fosse quentinho como o nosso, junto à lareira incandescente, onde os mais pequeninos se aninham: «Ai! que está-se tão bem...». Julguei que o colo da mãe se tivesse revestido como O de Maria em Nazaré, para nele acariciar os seus cabelos loiritos. Imaginei que, talvez, agora numa casa, longe das encostas de Miragaia, os pais unidos o tivessem prendado com uma cama fofinha, mais do que as nossas. Imaginei que tivesse poitado os olhos no presépio daquela Igreja onde, há dois anos, alguém o levou ao Baptismo que o tornou filho de Deus, com os direitos de «cá» e de «Lá»... Um presépio como o nosso, saído do engenho e ternura do Guido; dos nossos rapazes. Neste meu sonho, até o imaginei mostrando à mãe as notas, o que escreve e sabe contar, na escola para onde voltou todo feliz...

Telefonei, sim! Mas, do outro lado da linha: que o tal menino, depois de levado pela mãe, com ela tinha vivido duas ou três semanas apenas, sumindo-se para lugar só há pouco conhecido da polícia: no coração do

grande Porto há um carro abandonado, onde às estrelas da noite entrega o seu sono medroso. Quis saber do seu dia, talvez mais benévolo, com a sua sorte. Mas... que não! A rua, o roubo e outros vícios perigosos preenchem a sua ânsia de felicidade e carinho a que, tantas vezes, me manifestara ter direito.

A mãe levou-o, quase à força e, movida não sei por que força... Soube que tinha ido a Tribunal contar disparates e inventar histórias contra mim. Foram três semanas que o miúdo «aguentou» um colo que, só por força da natureza, algum dia foi seu. Fiquei triste. O Tribunal tinha sido avisado. Que escrevesse e protestasse — disseram-me. Mais relatórios e inquéritos? Sobre ele chegava o que tinha. Era preciso ser mais concreto e não perder tempo: buscar o rapaz e fazer com que a lei que, por acção do Meritíssimo Juiz o tinha confiado à Casa do Gaiato, fosse respeitada.

Em Belém, Jesus teve dificuldades em arranjar casa. Não havia. Os éditos, às vezes, complicam ou têm outras prioridades. Contudo é preciso que se saiba que no coração do grande Porto, Jesus nasceu num carro velho e abandonado; na pessoa do Bruno, por falta de casa, de mãe e de lei que o abrigue e obriegue.

O tempo vai passando, veloz. Se voltar ao COAS — como ouvi dizer — mais tempo se perderá. Já lá esteve e já de lá veio. O tempo não perdoará esta incúria.

Sinceramente, não me importaria que o Bruno voltasse a renascer entre nós como se o Natal pudesse mudar a sua sorte: Decida Senhor Juiz!

Padre João

## VISTAS DE DENTRO

### Quem não gosta de mimos?

O Ano Novo é sempre um dia da vinda, à nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, de muitos dos nossos casados. Bom sinal da família que somos. Os filhos vêm visitar os pais e irmãos e trazem seus presentes. Achei muita graça a um deles. A filha pequenita trazia dois embrulhinhos para as nossas duas senhoras e o pai trazia uma caixa para mim. «Isto é para si. É uma coisa que o senhor diz que gosta muito.» Tive de aceitar e guardar. O amor dos filhos pode fazer dos defeitos dos pais sinais de virtude.

O amor é capaz de transformar aquilo que não presta em coisas preciosas.

Todos os anos, o primeiro dia deixa a nossa Casa cheia de saudades. Que assim seja em todas as famílias.

### Uma família perdida

Fui à nossa casa da mata, em Paço de Sousa, visitar a família que lá habita, há dias, e veio há pouco de Angola. Pais e três filhos. O filho mais velho, de 18 anos, é deficiente profundo.

«O meu marido é camionista. Lá em Luanda não tínhamos trabalho e não havia nada para comer. Tivemos de fugir de lá. Ele hoje já foi trabalhar.»

Estive algum tempo a olhar para eles. Tiveram que fugir da sua terra de fartura transformada em terra de fome. Filhos obrigados a viver em locais e gente que não são as suas. Olhos de tristeza e desconfiança. Sempre duvidosos do dia de amanhã. Ambiente humano tão diferente daquele em que nasceram e onde viveram até agora.

De Angola, esta mãe só sabe falar de guerra e de fome. «Lá não se pode viver. Andamos todos cheios de medo. As pessoas estão por lá amontoadas. As casas estão todas esburacadas e as barracas foram muitas destruídas. É uma desgraça!»

No caminho ouvimos vozes a dizer que Angola continua em guerra. Quando virá o dia da paz para que ninguém tenha de fugir de sua casa, de sua terra, de sua pátria?

Entrámos na nossa Capela e pedimos a Deus que force os homens a dialogar para acertarem caminhos de paz. Mas o nosso Deus não é um Deus de força, mas um Deus de amor. Só o amor é capaz de alcançar a paz. Vamos ajudar esta família e todas as que tiverem de fugir de suas terras. Abrir as nossas portas.

Padre Horácio

9/12/92

As carraceiras brancas, cabeça em bico e pernas altas, todo o dia esvoaçavam de volta dos nossos bois catando-lhes as carraças ou apanhando os pequenos insectos que levantavam com os movimentos da pastagem.

A guerra levou os bois...

Elas ficaram no parque vazio e, de vez em quando, voam para os campos de feijão à cata dos patassóis.

Se elas também se forem, os campos ficarão mais tristes.

As cinzas da guerra!

Na cidade, nas sanzalas, nos corpos e nas almas...!

Até nos campos verdes, quando o último bando de carraceiras brancas partir!

11/12

Fui visitar o Governador, e aproveitei para lhe falar nas aflições do povo e nas injustiças que está sofrendo.

Que tinha conhecimento; que estão preocupados; que já se reuniram para resolver...

Oxalá!

15/12

Vê-se uma luzinha verde lá no — que nos parece — fim do buraco escuro.

Há mais calma. As pessoas começam a reflectir. As autoridades começam a sê-lo, de novo.

A luz da estrela na noite de Belém...

## MALANJE

### DIA A DIA

O abastecimento à cidade é feito pelos cargueiros — pássaros do céu.

Se os «grandes» vivessem plenamente o Natal, compreenderiam a urgência da paz.

25/12

O Menino Jesus vem e traz-nos a paz.

Aquela paz que é a Tua e é fonte de todas as outras.

Tem pena deste povo sofredor... Sem carne, sem peixe, sem bolinhos nem farólias e nada de brincados... Somente fuba com ervas!

É bem um deserto sem poço! Mas se este for uma convergência dos Teus caminhos... — encantados!

Vem, então!

26/12

O nosso Natal foi bom:

Um vitelo que resistiu à guerra, foi sacrificado por nós.

Nem faltaram as prendas — um fato de treino a cada ra-

paz, daqueles que a nossa amiga Maria Luísa nos mandou de Barcelos. Que alegria! Vestiram-no logo!

Vieram, de longe, um grupo de amigos com mensagens de paz e de esperança — bica de água no sol escaldante.

Eis:

O nosso Padre Horácio como sinal de amor e presença de toda a nossa Obra — padres, senhoras e rapazes.

O sr. Bickmann com palavras tão amigas e repassadas de saudades destas colinas verdes.

Margarida S. Silva, de Lisboa, com um presépio lindo e ceia para nós todos.

Helena C. Araújo, de Barcelos, com o seu bolo mensal e palavras tão cheias de esperança.

A. Ferreira, de Braga, que todos os meses está presente com terna dedicação.

Irmã Delmina, das Criaditas dos Pobres, desejando-nos alegria e a despertar em mim uma consoladora saudade dos nossos Pobres de Miragaia.

O Manuel Marques, da Figueira da Foz, sempre tão amigo e presente.

A Teresa e a Dina com palavras tão ternas e amigas.

Não faltou o nosso Padre José Maria, da nossa Casa do Gaiato de Moçambique, a consolar-nos com o seu exemplo de fé e esperança.

E, talvez, muitos outros, cujos cartões vêm voando, devagarinho, mas irão chegar.

Para todos, um ano bem cheinho de alegria e paz.

Padre Telmo



Hora de estudo, muito importante para se «fazer de cada rapaz um Homem».

## SETÚBAL

### Venda do Jornal

A venda d' O GAIATO é uma actividade exercida por um grupo de rapazes da 3.ª e 4.ª classes e também por alguns do ciclo, ao sábado e ao domingo.

Quinzenalmente aí vão eles como espalhadores da *desordem* que o jornal contém.

O periódico que não acusa interrupções, é o mais difundido na diocese de Setúbal. São cerca de sete mil exemplares que chegam mensalmente, aos recantos mais escondidos desta vasta população.

O João é um dos vendedores. No último sábado, ao prestar contas, aparentava ar encavacado. Quatro mil e trezentos escudos é uma quantia diminuta para quem passa cem jornais.

— Isto é pouco João. Que fizeste ao dinheiro?!

— Nada.

Os olhos do João bailavam redondos e azuis na sua face bola e linda.

Insisto, fazendo-lhe sentir a minha desconfiança!

— Não fiz nada.

É muito melindroso para um pai duvidar de um filho, sobretudo quando se quer manter e vingar a confiança!

— Nada, não fiz nada. Foi tudo quanto apurei.

O João safu do escritório mas eu não fiquei em paz, avisando-me a mim próprio: — Tenho de estar atento.

A venda é uma grande escola. Ensaio de responsabilidade e confiança. Podemos sofrer muitos fracassos. Assistir a muitas quedas, mas acabar com ela, nunca.

Os rapazes trazem dinheiro, por vezes dezenas de milhares de escudos. Muita gente dá mais que o valor material do jornal. É incontornável sob o ponto de vista matemático.

A gente faz confrontos. Conhece as áreas de distribuição e sabe, mais ou menos, quanto cada um deve trazer.

Depois do Terço, já começado o jantar, ao abeirar-me do Vinagre, ouço deste um segredo: — Olhe que o João roubou mil escudos da venda e deu-os ao Carona.

No fim da refeição — tribunal.

— Carona vai ali prò meio.

O barulho ensurdecedor dos 150, aquecidos pela magnífica refeição, sumiu-se imediatamente e os olhares de todos fizeram alvo certo ao Carona. Ninguém se mexia!

— De onde vieram os mil escudos que tens?

O roubo e a mentira foram sempre a maior e a pior praga das Casas do Gaiato.

Seria delicioso relatar-te este tribunal, mas o espaço é exíguo. Com algumas tentativas de evasão, o caso desta «vírgula» apurou-se rapidamente e o João confessou.

O roubo e a mentira são as primeiras causas da miséria moral e material que vai pelo mundo. São a nascente mais fecunda de todas as desgraças e a primeira razão porque não diminuam os casos de abandono que reclamam urgentemente a entrada na nossa Casa.

Hoje chama-se corrupção. É um termo mais erudito, corrente na sociedade moderna. Hábil em disfarces. Mentirosos e ladrões, assim se devem chamar os corruptos.

Ontem dois casos de alta corrupção me foram relatados por intervenientes merecedores de todo o crédito.

Num negócio de terrenos para o Estado, o intermediário em nome do Estado exigiu logo para si, e na primeira prestação, dez mil contos. O negócio não se fez porque o vendedor se recusou.

Outro, contado também por um interveniente que ainda sofreu, na compra de material para uso público. O superior recebeu de *luvas* vinte e cinco mil contos. Foi

descoberto. Corrido do seu cargo, mas ficou com o dinheiro das *luvas*.

*Não roubarás* — é lei eterna de que quase ninguém fala como se os Dez Mandamentos fossem ultrapassados ou retrógrados.

«Não faças declarações falsas; não sejas cúmplice dos ímpios, servindo-lhes de falsa testemunha. Não sigas a opinião da maioria para praticar o mal. Não deponhas num julgamento, colocando-te ao lado da maioria de modo a desviar a justiça da sua rectidão» (Ex. 23-1,2).

O interveniente do segundo caso é um antigo gaiato que muito sofreu pela sua denúncia, mas aprendeu nos tribunais simples das nossas Casas que a verdade e a rectidão definem o único caminho do verdadeiro homem e só elas constroem uma sociedade justa.

O João voltará à venda. Precisamos de confiar nele. É o chefe da casa-mãe onde vivem os mais pequeninos. Não conto a sua história que é de arripiar. No meio das tentações e das possibilidades de fazer o mal, o João aprenderá o caminho da Justiça!

Padre Acílio

## CALVÁRIO

Continuação da página 1

Olhar a água que cai, meiga e transparente, movediça e desliante, distrai o espírito, varre as ideias funestas. Dá a paz.

À sombra dos chorões, tenho dado muitas vezes com os doentes sentados, olhando a tranquilidade do lago, espreitando as evoluções sinuosas dos peixes. Também eles, no seu silêncio, ajudam a encontrar a serenidade por vezes perdida.

A Maria Alice gosta muito deste recanto. Vem aqui vezes sem conta. Outro dia, espreitei e dei com ela sorrindo para a água. Ao ver-me, aponta sem dizer palavra. Ela não fala. Olhei também e vejo o rosto dela reflectido no espelho esverdeado.

— Olha eu!, quis dizer ela sem abrir a boca. E sorriu-me. Dei finalmente com a razão de tantas vindas da Alice a este lugar. Vem ver-se. Contemplar.

Só para ver a Alice sorrir, olhando a sua imagem reflectida, valeu a pena todo o esforço para trazer a água das profundidades da terra até este lugar.

Padre Baptista

## Cartas

«Tendo o meu marido falecido, ao ser internado e já muito doente teve ainda a preocupação de actualizar a assinatura do vosso e nosso jornal. Digo nosso porque ele sempre o esperava com ansiedade. E eu também, porque é um jornal que serve para meditar nas minhas próprias fraquezas e dá força e alerta para que seja testemunha da fé que professo — o que, às vezes, me é tão difícil!

Assinante 19920»

«Primeiro de tudo agradeço, do coração, o envio d'O GAIATO que leio do princípio ao fim e é um dos grandes lenitivos para a minha vida. Sinto-me espiritualmente bem quando acabo de o ler.

Assinante 13007»

«Sou reformado. Tenho 78 anos. Já não posso trabalhar, mas gosto de ler O GAIATO e, muitas vezes, com lágrimas nos olhos, comovido por não poder fazer ou ajudar tanto como o meu coração desejaria. Que posso eu fazer com 22.890\$00 de reforma? E minha mulher, inválida, com 12.400\$00?

Assinante 48882»

«Sinto-me inteiramente feliz em colaborar com a Obra da Rua. Fiz-me assinante d'O GAIATO há cerca de um ano, através de uma grande amiga que tem um irmão desempenhando funções na Casa do Gaiato. Não posso mandar mais devido a ter apenas treze anos...

Assinante 12987»

«Através do Famoso colhemos lições de humanismo. Aceitam-se sugestões e corrigem-se erros. Assim sucedeu na 'Correspondência dos Leitores'. O problema da habitação é de todos, entidades oficiais e particulares — estes com as suas migalhas que podem dar; aquelas, com grandes planos e meios financeiros. Tantos são mal aplicados!

Assinante 31725»

## DOCTRINA

... sempre enamorado das palavras que diz...



• Ansei febrilmente o dia da largada dos miúdos, não tanto para os acompanhar como para os colocar na manhã daquele dia sobre a patena do Altar, intencionalmente, fervorosamente. É o primeiro grupo de cinco que formam as Colónias de Férias deste ano; é o início de dias cheios de aflições e de imenso labutar; é a hora de levantar os olhos ao Céu.

• Antes de subir a grandes alturas tem cada um de provar a fortaleza do seu coração, não vá succumbir na marcha e desfalecer no caminho. Ora, como a experiência de cada momento ensina que por si mesmo ninguém é capaz de realizar Obras da natureza desta, segue-se daí o desejo e a necessidade que a gente sente de oferecer ao Pai Celeste a Acção Sacerdotal pela Obra, a bem da Obra, sem o que todas as nossas acções são vazias de sentido eterno e enfermas dos defeitos da pessoa que as realiza. E resta-me pedir-te que ofereças igualmente ao Pai Celeste pela Obra, a bem da Obra, coisas nascidas e formadas no teu coração, que não ficas sem recompensa.

• A garotada safu da Estação Nova (Coimbra) no meio de grande agitação e de basto chilrear. Os pais estavam na despedida e choravam de... alegria, provocando assim sorrisos pintados de lágrimas no rosto dos mais saudosos. Tudo, porém, se dissipa num instante com a marcha do comboio: são os montes e os vinhedos; são os rios e as moendas; são os pastores e os moleiros. «Eh pá, tanta coisa que a gente vê!» E são sobretudo os túneis, pavor dos mais medrosos, alguns do quais se aninham sobre os bancos, cabeça agachada nas mãos até passar o perigo! Ao cair da tarde demos fundo na Casa do Gaiato, actual sede das Colónias de Férias, renunciando assim a outras casas onde até aqui nos abrigávamos, proclamando aos quatro ventos do mundo o nosso progresso mai-la nossa independência.

• Aqui, no meio deste povo, a Colónia há-se necessariamente ser o mesmo que tem sido no meio da mais gente por onde temos peregrinado desde 1935: uma onda de alegria que passa; um banho de moral que fica; uma estupenda afirmação do poder da Caridade — que realiza maravilhas no mundo sem medir sacrifícios nem dar fé de os ter feito.

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

## ENCONTROS

Continuação da página 1

EM LISBOA

força à reacção popular face a diferente. Depois... Na Bíblia, o órfão, a viúva e o estrangeiro são equiparados. São pobres face aos quais devemos ter um cuidado especial porque, sendo os mais

desprotegidos, é também face a eles que a nossa sensibilidade se apura. Deles nada temos a esperar em troca. É o amor gratuito.

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (035) 752285 - FAX 753799 - Corrt. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Janeiro: 70.600 exemplares.